



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7411 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

PARA DE FAZER GRAÇA: MODOS DE PARTICIPAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM AUTISMO EM ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Daniel Novaes Gomes Pereira - UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO

Ana Paula de Freitas - USF - Universidade de São Francisco

Agência e/ou Instituição Financiadora: CAPES

PARA DE FAZER GRAÇA: MODOS DE PARTICIPAÇÃO DE UMA CRIANÇA COM AUTISMO EM ATIVIDADES PEDAGÓGICAS

Estudos na perspectiva histórico cultural dialogam com o corpo do autista considerando que sua constituição é singular. Ao abordarem o trabalho realizado no contexto das salas de aula, salientam as possibilidades de desenvolvimento de atividades lúdicas, de jogos e brincadeiras, pontuam que os alunos com autismo estão amparados pelas políticas da educação inclusiva e que os professores precisam aproximar esses alunos, das pessoas e das situações interativas no contexto escolar. Compreendem, por sua vez, a necessidade de caminhos alternativos e recursos auxiliares para que eles se apropriem do conhecimento cultural (CHRISTMANN; OLIVEIRA, 2018, LAPLANE, 2020, OLIVEIRA; PADILHA, 2016, OLIVEIRA; VICTOR, 2018).

Tais trabalhos vão contra ao ideário de que alunos com essa condição não se relacionam com o outro, ideário que, fundamentado nos critérios diagnósticos, as padronizam e as categorizam. Na seara educacional, o olhar para a criança com autismo está hegemonicamente enviesado pelos Critérios Diagnósticos 299.00 (CID - F.84). Tais critérios presumem inúmeros déficits à pessoa que abrangem aspectos psíquicos (relação socioemocional, interesse reduzido em compartilhar emoções e afetos, anormalidade para compreender a linguagem corporal, e gestual) e aspectos fisiológicos (movimentos motores repetitivos, hiper ou hiporreatividade aos estímulos sensoriais e aos aspectos sensoriais do ambiente). Essa classificação reitera padrões comportamentais que deverão acompanhar a jornada dessas crianças em seus espaços sociais, sua história de vida e, em sua inserção na cultura (APA, 2014).

Em geral, as práticas educativas comumente utilizadas para o trabalho com alunos com autismo levam em consideração esses critérios e se baseiam em saberes clínicos. Assim, parece que há uma lacuna no que tange aos saberes pedagógicos, o que mobiliza o questionamento: quais saberes pedagógicos são necessários para ensinar esses alunos, especialmente, no âmbito da educação comum? Tal questão é mobilizadora de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento e, neste texto, busca-se investigar como um aluno com autismo participa das atividades pedagógicas desenvolvidas em sala de aula. Espera-se que a

compreensão dos modos de participação do aluno, dê indicativos acerca dos saberes pedagógicos orientadores do trabalho educativo com esse alunado.

A pesquisa de doutorado está arraigada, teórica e metodologicamente, na perspectiva histórico-cultural vigotskiana (VIGOTSKI, 2011), na qual o pesquisador, primeiro autor deste texto, estabeleceu uma parceria com a professora, o que possibilitou sua participação durante as atividades realizadas em sala de aula. O trabalho empírico aconteceu em um ‘Centro Municipal de Educação Básica’ (CEMEB), no segundo ano do Ensino Fundamental, a partir de idas sistemáticas à escola no ano letivo de 2019. O aluno, de nome fictício Miguel, 8 anos, tem o diagnóstico de autismo.

A parceria estabelecida foi sendo construída no decorrer do ano letivo a partir de trocas que ocorriam durante a aula e em discussões extraclasse. Em algumas situações, a professora, tomando por base o material didático ‘Buriti mais matemática’, propunha às atividades, em outras situações, professora e pesquisador discutiam e combinavam o desenvolvimento de tarefas. O pesquisador, por sua vez, se conhecesse outro modo de trabalho e, que fizesse sentido para o aluno, sugeria; mas em outras situações, quando se viam diante de desafios frente às possibilidades de trabalho, ele sugeria investigarem, buscando compreender um meio/modo de alcançar a criança autista e ao mesmo tempo os demais.

Para registro, optou-se pelas filmagens e audiografações, que aconteceram na medida em que as situações da prática pedagógica mobilizavam o pesquisador, isto é, a filmadora e/ou gravador eram ligados quando os acontecimentos em sala de aula chamavam a atenção em relação às inquietações investigativas. O diário de campo também foi utilizado para registrar os acontecimentos. Posteriormente, tais registros foram analisados conforme a análise microgenética. Meira (1994) pontua que essa análise de abordagem vigotskiana se faz no movimento dialético entre as o micro e o “[...] macro contexto sociocultural de desenvolvimento, a fim de que possamos identificar o significado das ações [...]” (MEIRA, 1994, p. 60).

Neste estudo, apresenta-se uma atividade de matemática (aritmética) na qual, Miguel é auxiliado por uma estagiária, estudante do primeiro de Pedagogia, que tinha a função de apoiar o aluno e, o acompanhava há um ano. Essa atividade foi proposta pela professora para todos os 30 alunos da sala e aconteceu no dia 14 de março de 2019, na primeira parte da aula. O pesquisador e a estagiária estão sentados um de cada lado da criança e a estagiária está mostrando para ele como trabalha com as operações matemáticas. Para isso, ela solicita que o aluno conte de 1 a 10 ‘Miguel, conta para a prô’ e oferece os dedos das mãos como apoio.

Quando a estagiária utiliza as mãos como instrumento mediador, o aluno conta os números de 1 a 10, para e começa a dar risada ao perceber que está em evidência, a estagiária o repreende, diz que ele sabe fazer e que é para parar de graça. Nessa dinâmica, ele a olha, ainda sorrindo e diz ‘para de fazer graça’. Em seguida, ele olha para a professora que está indo em sua direção e pede para ligar o ventilador, a professora diz ‘a prô liga para você, meu amor’ e acrescenta ‘olha é para recortar os quadrinhos’. Os quadrinhos dizem respeito às classes das unidades simples: unidade, dezena e centena.

Mas qual o motivo da risada de Miguel? O aluno é tomado pela estagiária como modelo no qual suas ações de contar de 1 a 10 são para ilustrar ao pesquisador o que ele faz ou não. Nesse sentido, a graça de Miguel pode ser interpretada como um questionamento faz graça mesmo, graça de quem questiona, ‘por quê estão me fazendo contar sendo que eu já sei?’ Miguel ‘faz graça’ com todos, pede para ligar o ventilador, ganha um afago e é chamado de amor. Os movimentos de Miguel podem ser entendidos à luz da perspectiva histórico-cultural. Vigotski (2011) pontua que, ao estar em contato com a cultura, a criança se constitui na/pela dinamicidade das situações, isso porque, é no espaço cultural, escola, que acontecem

as tensões entre o que o sujeito é e aquilo que ele pode vir a ser. Destaca-se ainda que imerso nessas situações escolares Miguel conta os dedos da estagiária e recorre ao cultural, uso das mãos, para tal feito.

Palavras-Chave: Perspectiva histórico-cultural, Autismo, Ensino Fundamental, Atividades Pedagógicas.

REFERÊNCIAS

APA, *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. American Psychiatric Association; Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento; - 5.ed. - Porto Alegre: Artmed, 2014.

CHRISTMANN, M. PAVÃO, M. O. P. A inerência do diagnóstico clínico na produção de (in)exclusão educacional. *Acta Scientiarum. Education*, v. 40(3), e31628, 2018.

LAPLANE. A. L. F. Confrontando a norma: modos de participação de crianças com transtorno do espectro do autismo na escola. *Horizontes*, v. 36, n. 3, p. 111-120, set./dez. 2018.

MEIRA, L. Análise microgenética e videografia: ferramentas de pesquisa em Psicologia Cognitiva. *Temas em Psicologia*, n. 3, 1994.

OLIVEIRA, I. M.; PADILHA, A M. L. Crianças com autismo na brinquedoteca: modos de interação e de inserção nas práticas sociais. *Comunicações*. Piracicaba. v. 23 n. 3 Número Especial p. 185-202 2016.

OLIVEIRA, I. M.; VICTOR, S. L. A criança com autismo na brinquedoteca: percursos de interação e linguagem. *Revista Educação Especial*. v. 31. n. 62. p. 651-664. jul./set. 2018.

VIGOTSKI, L. S. A defectologia e o estudo do desenvolvimento e da educação da criança anormal. *Educação e Pesquisa*. São Paulo, v. 37, n. 4, p. 861-870, dez. 2011.